

OLHARES SOBRE JUBIABÁ: O POVO, A CIDADE DA BAHIA E O HERÓI NEGRO NO ROMANCE DE JORGE AMADO

Derneval Andrade Ferreira¹
Adelino Pereira dos Santos²

1 QUAL O LUGAR DO POVO E DA CIDADE DA BAHIA NAS PÁGINAS DO ROMANCE JUBIABÁ?

A vida, os hábitos, os comportamentos do povo da Bahia são abordados por muitos escritores, em diversas produções literárias, tanto na poesia quanto na prosa. Ao que se sabe, Jorge Amado transpôs para as páginas de seus romances o rico painel cultural da sua gente, do povo baiano. *Jubiabá* é um bom exemplo de como o povo da Bahia é caricaturado pelas grafias do escritor.

A narrativa de Jorge Amado, incluindo *Jubiabá*, não é uma história acabada, ela é relida e reinterpretada pelo leitor no momento da apropriação textual para a compreensão do que é narrado. Dessa forma, na obra citada podem-se buscar indicações discursivas que ajudam a criar imagens representativas do homem baiano e de sua realidade. Imagens que, reexaminadas, passam a ser incorporadas pela ótica social como um aparato da realidade.

A literatura amadiana é rica e diversificada, apresentando pontos convergentes e divergentes segundo a crítica literária. Por isso, compreendê-la significa restabelecer um revisionismo nos cânones das tradições literárias, que tendem a verticalizar as produções, distanciando muitas vezes o conteúdo formal do público consumidor. Além disso, é preciso também tornar lícito um mergulho na vida popular, na cultura cômico-grotesca, na religiosidade, na etnia, nas classes sociais, enfim, naquilo que o povo tem como seu maior patrimônio: a cultura.

Eneida Leal Cunha (2000) evidencia a importância do espaço urbano na construção da narrativa do romance. A trajetória de Antônio Balduino do Morro do Capa Negro para a cidade é o fio condutor para a realização de tal

¹ Doutor em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia. Professor de Língua Portuguesa no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia. E-mail: derneval.f@hotmail.com

² Doutor em Letras. Professor Titular da Universidade do Estado da Bahia. E-mail: adesantos@uneb.br

análise, visto que o espaço urbano será o relevo das observações por se constituir como eixo de movimentação do romance. O binômio espacial cidade-campo ou, no romance, morro-cidade, assinalado pela autora em *Jubiabá*, acaba explorando alguns contrastes que se apresentam no decorrer do romance como: presente/passado, tradição/ruptura, cor/ classe, opressão/liberdade. Segundo a autora:

A oposição morro/cidade e o fascínio desta última sobre o menino estão construídos a partir de um recurso ao posicionamento que não é desprovido de valor simbólico – o alto e o baixo – e de um jogo de imagens entre proximidade e distância, exclusão e inclusão, que será reiterado ao longo de toda a narrativa. [...] O morro é, basicamente, uma vivência entre iguais. Habitam-no os miseráveis, doentes, desempregados, os que vivem da prestação de serviços domésticos, de pequenos biscates ou do trabalho físico mais duro, são predominantemente negros, irmanados também pela ancestralidade quase comum – a escravidão – e pela forte presença de uma mitologia afro-popular. (CUNHA, Eneida Leal. *Jubiabá: leitura em duas vertentes*. In: FRAGA, Myriam (Org.). *Bahia a cidade de Jorge Amado*. Salvador: FCJA/ Museu Carlos Costa Pinto, 2000. p.126).

O Morro é apresentado como um lugar aparentemente homogêneo, onde a equidade social é mais intensa, é também um espaço mantenedor de tradições, principalmente afro-populares.

Em contrapartida, a cidade é um espaço complexo e multirreferencial, apresentando sinais de modernização como os ruídos, a energia elétrica, a movimentação, o comércio. Esses elementos, embora não fizessem parte do mundo de Antônio Balduino, a princípio fascinavam-no de forma demasiada e encantadora. Segundo Cunha (2000), o binômio cidade/campo permite formular a seguinte hipótese:

[...] o menino Balduino nos é apresentado entre duas forças: a cidade (à qual de início não lhe pertence, mas que o fascina e atrai, à qual se destina, e por isso mesmo pode ser aqui considerada o **futuro** da narrativa e do personagem) e as histórias ouvidas do morro (das quais se apropria, enquanto elementos para a construção de uma identidade que cruza negritude, rebeldia e liberdade, podendo ser aqui considerada como **passado**

da narrativa e do personagem. (CUNHA, Eneida Leal. Jubiabá: leitura em duas vertentes. In: FRAGA, Myriam (Org.). *Bahia a cidade de Jorge Amado*. Salvador: FCJA/ Museu Carlos Costa Pinto, 2000. p.127).

Assim, é oportuno o momento para inferir uma premissa importante na leitura de *Jubiabá* sobre o espaço urbano de Salvador. Este espaço descrito no romance se diferencia dos espaços pontuados nas produções de Jorge Amado por adquirir uma conotação ampla na obra. A cidade de Salvador não se restringe apenas a um cenário onde se desenrolam os fatos. A presença da cidade é tão significativa que toma uma dimensão de uma personagem, ela é um elemento, dentre tantos outros, que movimenta a narrativa, acelera as ações, articula os encontros e desencontros, ambienta os personagens e fascina o leitor com sua dimensão histórica, sociológica e antropológica. Jacques Salah (2000), ressalta:

No coração da velha cidade, a Praça do Terreiro é simultaneamente o centro intelectual e o lugar de encontro dos pequenos comerciantes e dos artesãos. Tendas e pensões para estudantes rodeiam a praça. Em *Suor*, Jorge Amado nos fala dessas pensões, mas é sobretudo em *Jubiabá e Tenda dos Milagres* que a Praça do Terreiro tem uma importância maior. É ali que a tia de Antônio Balduino, Luíza, vende o mungunzá e o mingau de puba; é ali também que se reúnem os padeiros grevistas. (SALAH, Jacques. A cidade como personagem. . In: FRAGA, Myriam. (Org.). *Bahia a cidade de Jorge Amado*. Salvador: FCJA/ Museu Carlos Costa Pinto, 2000. p. 96).

Em *Jubiabá*, a cidade de Salvador é um espaço de liberdade para o negro Antônio Balduino; ele a domina e se apropria dela, conquistando cada vez mais a liberdade. Percebe-se no decorrer da narrativa que é íntima a relação do negro com a cidade.

[...] ele fiscaliza a vida da cidade que lhe pertence. Esse é seu emprego. Olha todos os seus movimentos, conhecem todos os homens valentes da cidade, vai às suas festas líricas, recebe e embarca os viajantes de todos os navios. Sabe os nomes de todos os saveiros e é amigo dos canoieiros que pousam no Porto da Lenha. Come a comida dos restaurantes mais caros, anda nos automóveis mais luxuosos, mora nos mais novos

arranha-céus. E pode se mudar a qualquer momento. E como é dono da cidade não paga a comida, nem o automóvel, nem o apartamento. (AMADO, Jorge. *Jubiabá*: 62. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 54).

2 E QUANTO À UTOPIA E AO SONHO DE LIBERDADE?

Outro aspecto que Cunha (2000, p. 135) indaga na leitura de *Jubiabá* é “[...] que articulações podem ser feitas entre a utopia revolucionária que o romance veicula e o modo de narrativa em *Jubiabá*? Quais os modelos narrativos eleitos pelo escritor e como ele os concretiza dando autoridade e confiabilidade ao discurso?” Para discutir tais questões, é preciso atentar para o fato de que *Jubiabá* pode se constituir ou não numa narrativa que eleva um personagem negro à condição de principal, além de estabelecer parâmetros para romper uma visão estigmatizada entre **sobre quem** e **para quem** se escreve. A mesma autora afirma:

A história do pobre e negro Antônio Balduino, contada em *Jubiabá*, além de elevar um personagem negro à condição de principal, e, mais ainda, de afirmá-lo positivamente como herói, parece ter a ambição de ultrapassar as duras fronteiras da literatura moderna – confinada em um vínculo historicamente marcado como conquista e posse de uma elite letrada - , o livro. Para cumprir essa missão de ultrapassar os limites tradicionais do livro, o romance deve, em primeiro lugar, e pelo menos hipoteticamente, ser legível pelo seu destinatário ideal – o povo que o romance simboliza na figura e na história de vida de Antônio Balduino. [...] Em segundo lugar, para cumprir sua função social, a narrativa precisa ser confiável para seus destinatários reais mais prováveis – o público leitor brasileiro, com o perfil que lhe é peculiar: letrado e formado por uma tradição literária excludente, na qual o pobre e, mais ainda o negro, são seres **sobre os quais** eventualmente se escreve, sempre de um lugar de enunciação exterior, mas nunca para **os quais** se escreve. (CUNHA, Eneida Leal. *Jubiabá*: leitura em duas vertentes. In: FRAGA, Myriam (Org.). *Bahia a cidade de Jorge Amado*. Salvador: FCJA/ Museu Carlos Costa Pinto, 2000. p. 135).

Do ponto de vista de protagonizar o negro numa narrativa literária e de colocá-lo num cenário em que ele movimenta e problematiza as ações,

Jorge Amado, em *Jubiabá*, apresenta aspecto inusitado na literatura brasileira. Lima Barreto, por exemplo, com *Clara dos Anjos*, apesar de fazer dessa personagem protagonista da trama, não atribui tratamento similar ao dado a Antônio Balduino por Jorge Amado. Apesar de Clara dos Anjos mover-se na narrativa com o intuito de buscar sua liberdade, ela é uma pobre mulata, filha de um carteiro de subúrbio, que é iludida, seduzida e, como tantas outras, desprezada. Seu autor reitera sempre a personalidade frágil da moça, sua alma amolecida, capaz de se render à lábia de um homem perverso. Enfim, a descrição de Clara reforça os malefícios da formação machista, superprotetora, repressiva e limitada reservada às mulheres em muitas sociedades.

Mais que um contador de histórias de seu povo e de sua gente, o escritor baiano logra um salto significativo em *Jubiabá*, obra na qual o confronto social se mescla a outros problemas do dia a dia do povo, como o racismo e preconceito contra as crenças populares. Assim, Jorge Amado ficou consagrado pelo público e pela crítica como importante escritor brasileiro, capaz, com sua singularidade de observação e intuição artística, de expor uma realidade social, étnica e cultural da Bahia em plena década de 1930.

Ao analisar o romance *Jubiabá*, a historiadora Celeste Pacheco de Andrade (1999) problematiza o espaço da cidade de Salvador como um palco para as tensões sociais desenroladas na narrativa. Segundo ela, os eixos centrais da narrativa são o candomblé, na visão de Jorge Amado, uma expressão do povo de origem africana e, o outro ponto, a raça, tendo à frente da trama o personagem Antônio Balduino como seu principal representante. Para a autora, o narrador está sempre relacionando as formas de viver do personagem com o viver na cidade da Bahia. Ela reconhece ainda que o negro e pobre Antônio Balduino vive em liberdade e, apesar de algumas antipatias, torna-se imperador da cidade:

O imperador da cidade come nos melhores restaurantes, anda nos automóveis mais luxuosos, mora nos arranha-céus mais novos. E sem pagar nada. [...] fica a esperar que passe o automóvel que lhe agrada. Porque o imperador da cidade não anda em autos vagabundos. Quando vê um bem luxuoso, ponga na traseira e viaja bairros inteiros. E se passa outro mais bonito, Antônio Balduino despede do primeiro, monta no segundo e continua no passeio pela cidade que a conquistou. (AMADO, Jorge. *Jubiabá*: 62. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 66).

Esse imperialismo sobre a cidade não torna Baldo uma figura árida, espinhosa e hostil na trama com outros personagens. Pelo contrário, o imperialismo sobre a cidade estava ligado à força e à expressão de sua almejada liberdade. Desde cedo, o menino Balduíno era fascinado pela liberdade que encontrava nas ruas da cidade.

Também, no final do romance a cidade parece estar nas mãos de Antônio Balduíno; agora líder de movimento grevista. Não se poderia catalogar esse momento como uma redenção porque a relação espacial entre a cidade e a personagem não é passiva, mas pode-se afirmar, categoricamente, que é o momento de maior ajuste entre os elementos ativos da narrativa.

A princípio, Baldo parece representar uma Bahia negra e a ele se juntam todas as forças de um espaço vivo, energizado, expressivo. Assim, personagem e espaço (personificado) parecem imbricar em um plano de sonhos, depois de lutas sociais e políticas. Lugares de mistérios, de proezas e poesias confluem na conjuntura do romance. Ora Baldo é a cidade, ora a cidade espelha o menino moleque, negro e pobre.

Nessa perspectiva, de imbricamento entre personagem e espaço, Sandra Pesavento (1999) considera:

Cidade-problema, cidade-representação, cidade-plural, cidade-metáfora – o urbano se impõe para o historiador da cultura nos dias de hoje como um domínio estimulante. A cidade não é simplesmente um fato, um dado colocado pela concretude da vida, mas, como um objeto de análise e tema de reflexão, ela é construída como desafio e, como tal, objeto de questionamento. [...] pensar a literatura como uma leitura específica do urbano, capaz de conferir sentidos e resgatar sensibilidades aos cenários citadinos, às ruas e formas arquitetônicas, aos seus personagens e às sociabilidades que nesse espaço têm lugar. (PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade e visões literárias do urbano*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999. p. 10).

Assim, a *urbe* e a literatura expressam juntas um sabor coadjuvante na construção do texto literário, e Jorge Amado soube como ninguém alçar esse enlace com sabedoria, poesia e farta imaginação. E foi assim, com uma fisionomia singular, que o escritor apresentou a Bahia ao Brasil e ao mundo.

A respeito da construção imagística da Bahia por Jorge Amado, é preciso discutir se realmente essa visão toma uma conotação real. Os lugares e temas que se inserem na narrativa, com força expressiva e com poder de estruturação, são imagens criadas pelo escritor reservando uma Bahia particular com privilégios de realização da felicidade, espaço de beleza, com uma descrição exótica única no mundo. É através da terra do encanto, encontros e desencontros que Jorge Amado se consagra como escritor, apresentando uma Bahia cujas representações diluem problemas e dificuldades. Esse ícone imaginário, muitas vezes, sobrepõe-se a outras “bahias” que também revelam significados importantes na construção do ser baiano. Segundo Jacques Salah (2000):

Assim como organismo romanesco deve existência ao sopro criador da cidade e da civilização baianas, a cidade adquire, graças ao romancista, uma fisionomia e uma consideração novas. Após o aparecimento da obra amadiana, a Bahia não é mais o que era anteriormente. Ela é, doravante, conhecida no mundo inteiro não somente pelas suas igrejas barrocas, mas também pela simplicidade e alegria de viver de seu povo mestiço. Sem dúvida, a reputação da cidade não seria tão generalizada sem a obra de Jorge Amado. Desta forma, a cidade imaginária de Jesuíno Galo Doído, de Antônio Balduino, de Martim, de Vadinho [...], acaba se tornando a verdadeira Cidade da Bahia, aquela que o leitor espera encontrar e que ele reconhece efetivamente no primeiro olhar. (SALAH, Jacques. A cidade como personagem. In: FRAGA, Myriam.(Org.). *Bahia a cidade de Jorge Amado*. Salvador: FCJA/ Museu Carlos Costa Pinto, 2000. p. 101).

É preciso entender que a “Bahia” não pode restringir-se apenas à cidade imaginária dos personagens centrais das obras amadianas, nem tampouco estabelecer conteúdo apologístico à música de Dorival Caymmi e à pintura de Carybé. A cidade da Bahia é uma dimensão sociocultural que perpassa essa visão fragmentada e analiticamente indigente. Mesmo a literatura amadiana tendo eficácia, incidindo e alterando o real, é preciso lutar contra essas estratégias para que se firme uma representação dando visibilidade aos diversos aspectos dessa cidade plural, carregada de uma cultura dinâmica e transformadora. Para as questões que tangenciam à raça, retoma-se o que diz Celeste Pacheco de Andrade (1999):

A narrativa acentua a vida de liberdade do herói, ainda que na sua condição de negro e pobre – somente possível na cidade da Bahia – subestimando as manifestações de preconceito racial de que é vítima, como se pode depreender da fala da empregada da casa do comendador, donde Antônio Balduino trabalhou fazendo serviços domésticos “... negro é uma raça que só serve para ser escravo. Negro não nasceu para saber” (Jubiabá, 58) e ainda: “... negro é raça ruim... negro não é gente”. (Jubiabá ,62) O episódio da paixão do personagem por uma “branca”, e filha do comendador, - amor não se realiza – serve para manifestar um contexto “racista burguês” da sociedade baiana da época. (ANDRADE, Celeste Pacheco. *Bahia, cidade-síntese da nação brasileira: uma leitura em Jorge Amado*.1999. 270f. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. p. 163).

Em finais do século XIX e início do século XX, a sociedade burguesa brasileira estava presa ainda a uma concepção eurocêntrica que entendia as civilizações como um processo evolucionista. Esta concepção catalogava o negro e o índio como raças inferiores. Na visão europeia, essas raças denotavam barbárie e atraso, além de serem portadoras de estranheza e de brutalidade.

3 O HERÓI NEGRO ANTÔNIO BALDUÍNO É UM SÍMBOLO DA OPRESSÃO OU DA LIBERDADE?

Se a intenção do escritor Jorge Amado foi dar um tratamento heroico ao negro Antônio Balduino no romance *Jubiabá*, sua construção discursiva merece atenção para retirar delas possibilidades de outras vertentes. Criar um personagem que vive numa cidade predominantemente africana, espaço de liberdade para o negro Antônio Balduino levantar a bandeira da liberdade e que cumpre várias facetas e destinos, saindo da malandragem à consciência política significa, realmente, positivar o negro? Que espécie de bandeira Antônio Balduino levanta para consagrar uma nova mentalidade conscientizadora nas questões que tangenciam raça, etnia e estruturas políticas, sociais e econômicas?

É preciso entender que o espaço conquistado pelo negro não deve estar condicionado à valorização ou a desvalorização de matrizes delimitadas pela sociedade ocidental branca. A consciência negra reside, dentre outras

feições, na percepção de que as diferenças relativas à cor e à formação física não resultem em aspectos inferiorizantes, geradores de ações separatistas.

Quando Jorge Amado, por exemplo, cria dois polos sociais antagônicos na narrativa; o de Lindinalva, representante do capitalismo burguês, e o do negro Balduino, defensor dos oprimidos, dá sinais de uma divisibilidade entre as classes, estabelecendo hierarquias e disputas de poderes. No romance, ao que parece, a ascensão de uma classe é regida pelo detrimento de outra, opondo-se, assim, a perspectivas de lutas da classe negra. O discurso da afirmação do negro incide em compreender que não se trata de passar da posição de explorados a exploradores, e sim de lutar, junto com os demais oprimidos, para fundar uma sociedade onde todos tenham, na prática, iguais direitos e deveres.

Sobre essa ótica racial, Eduardo de Assis Duarte (2004) propõe discussões políticas e sociais em alguns romances do escritor baiano. Para ele, o romance amadiano busca falar da história dos oprimidos. Duarte (2004) percebe como Antônio Balduino, o Baldo, é apresentado em *Jubiabá* numa categoria de herói construída pelo romancista:

O romance amadiano volta-se para a base do edifício social e joga luz sobre suas margens e desvãos, para ali descobrir/construir o humano. O centro das narrativas é a representação do outro, seja de uma perspectiva de classe, de gênero ou de etnia. O que nelas se vê tencionado é o drama de seres a princípio incompletos, irrealizados enquanto cidadãos, mas que saem – ousam sair – para enfrentar a adversidade provinda de uma estrutura econômica, política e ideológica herdada do passado colonial. Mais que isso: seres que realizam nesse enfrentamento a sua formação como agentes sociais. Indivíduos como o Sergipano, de Cacau, a Linda, de Suor, ou o Balduino, de Jubiabá: personagens cujos gestos e falas não apenas se inserem nas lutas históricas de seu tempo, mas que pretendem, mais que isto, propor uma pedagogia da indignação e do confronto, na linha do “herói positivo” da literatura socialista da época. (DUARTE, Eduardo de Assis. Jorge Amado: leitura e cidadania. In: FRAGA, Myriam (Org.). *Capitães da Areia*. II Curso Jorge Amado. Salvador: FCJA, 2004. p. 43).

O projeto de Jorge Amado em aproximar-se das figuras menos favorecidas, evidenciando-as, como é o caso de Antônio Balduino em *Jubiabá*, e de lutar no plano das ideias contra o preconceito racial, social e cultural fomentado pelas teorias raciológicas transplantadas da Europa e disseminadas no Brasil, pode ser questionado pelo fato que as mesmas estratégias utilizadas pelo autor, para supostamente elevar o negro, trazem em si marcas de um pensamento colonial. Ao mesmo tempo em que Jorge Amado confere ao negro esperteza, sabedoria popular, possibilidades de torná-lo um agenciador no enfretamento do preconceito racial, Balduino é revestido por descrições de malandragens, de banditismo, de roubos, reforçando assim a ideia de visibilidade da figura do negro.

É certo que alguns romances amadianos, incluindo *Jubiabá*, buscam relatar as histórias de vidas dos oprimidos: um possível grito contra as mazelas de um nascente capitalismo burguês, por um lado, e por outro a prática da elevação de determinados seres subalternos. Essa faceta se desencadeia no chamado romance proletário que, segundo Duarte (1996):

Em 1935, dá-se o auge do romance proletário no Brasil, concomitantemente à campanha da Aliança Nacional Libertadora e às agitações em torno da insurreição deflagrada em novembro. Para Jorge Amado, que experimentara uma recepção crítica polêmica em torno de seus primeiros livros, impunha-se um salto de qualidade, visando não apenas uma obra mais estruturada e duradoura, mas sobretudo com alcance social ampliado, dentro do propósito de “falar às massas” e intervir no processo histórico-cultural. (DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record; Natal: UFRN, 1996. p. 75).

Percebe-se, portanto, que Jorge Amado, ao “falar às massas”, mergulha nas fontes populares. O objetivo realista em revelar a dinâmica dos oprimidos, representantes das classes populares, principalmente no percurso da consciência de classe, sinaliza o cumprimento das exigências tanto do momento político-histórico quanto do próprio propósito da literatura engajada daquela época. A materialização do aspecto popular na obra *Jubiabá* dá-se a partir de construções estilísticas, tais como: o ritmo marcado pelas repetições, a fala desprovida de arranjos linguísticos de personagens, o enredo recheado de façanhas e inclusive da própria narrativa que conta as peripécias de um personagem que almeja sua elevação.

O que se pontua na obra de Jorge Amado e o que o difere de outros autores modernistas de 1930 não é o traço proletário existente em muitas obras, mas, sobretudo, a inserção de categorias como cor e classe social. O próprio período literário no qual o autor está inserido pode ter proporcionado a realização de tal façanha na literatura brasileira, uma vez que as bases para a construção de um discurso nacional estavam mais sólidas, favorecendo o surgimento de temas que contornassem a paisagem brasileira. Nesse sentido, pode conferir mérito ao escritor baiano por abordar temáticas nacionais importantes, fazendo surgir assim uma literatura social mais problematizadora, com menos idealizações acríticas de fórmulas europeias e sem a maquiagem do consumismo importado da elite nacional. Por isso, ele utiliza uma linguagem mais direta e clara, próxima da coloquial e sem convencionalismo ornamental acadêmico. A arte trilha sua trajetória de afastamento das “tradições” literárias, iniciando o rompimento com certa unidade existente nos padrões da expressão, e a cultura popular começa a encontrar seu espaço mais real na literatura.

A historiadora Ana Paula Palamartchuk (1998) apresenta contribuições valiosas e indicativas da renovação historiográfica, ao propor uma discussão conjuntural de algumas obras de Jorge Amado, incluindo o romance *Jubiabá*, levando em consideração o diálogo crítico com as interpretações clássicas da história do Brasil, em sintonia com a história mundial. Nessa análise, ela propõe uma reflexão sobre um tipo ideal de trabalhador consciente, mais acabado, criado por Jorge Amado.

As reflexões de Palamartchuk (1998) em termos teórico-metodológicos atendem às propostas dos novos diálogos da História Cultural. Ela funde discurso histórico com narrativa literária, problematizando o povo, o trabalhador, o vagabundo, o malandro, o miserável, a puta, a boa moça, a mulher, o herói.

Nos romances publicados após Cacau, Jorge Amado revela com mais clareza a sua proposta literária-missionária: educar e regenerar o povo, conscientizando suas personagens principais e revelando uma proposta de transformação social inerente à sua própria opção política. (PALAMARTCHUK, Ana Paula. Jorge Amado: um escritor de putas e vagabundos? In: CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. (Org.). *A História contada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 341).

Tais considerações demonstram que a autora acredita que o escritor baiano pretendeu diminuir a visão preconceituosa do povo, tematizando-o em seus romances com o propósito de missionar um guia e uma consciência a este povo, mostrando-lhe o caminho para fugir da ignorância e da miséria consequente do capitalismo burguês.

Em *Jubiabá*, ressalta-se a dimensão enorme que Jorge Amado consegue na literatura brasileira ao criar o personagem Antônio Balduino. Ao que parece, essa personagem representa não só a tradição afro-brasileira na Bahia, mas também simbolicamente um conjunto de valores que as sociedades devem enxergar e valorizar para não retornarem à barbárie. Baldo parece ser aquele que nasce para tentar quebrar valores positivistas disseminados no Brasil e cultivados pela elite dominante em finais do século XIX e início do século XX, períodos em que as sociedades avançadas se organizavam com base num pensamento revolucionário, autêntico e consciente, mas que aqui ainda não se tinha logrado tal êxito.

No entanto, é preciso destacar que as mesmas críticas que conferem êxito ao escritor Jorge Amado no que tangem à construção do herói positivado, acabam revelando imagens estigmatizadas daquele representante da raça negra, de sua cultura e de sua religiosidade.

É o que se pode observar nas palavras de Palamartchuk (1998), a respeito de *Jubiabá* :

[...] Surge o tipo ideal, mais acabado, de trabalhador consciente. A história do negro Baldo, em Jubiabá, é exemplar. Trajetória que se caminha do ódio racial ao ódio de classe. Baldo é aquele que consegue vencer as barreiras impostas pelas estruturas sociais, que o jogam para a malandragem, para a vagabundagem, para as lutas de capoeira, para os terreiros de candomblé. Antônio Balduino, mais conhecido como o negro Baldo, aprende sobre a vida nas ladeiras do morro onde mora. (PALAMARTCHUK, Ana Paula. Jorge Amado: um escritor de putas e vagabundos? In: CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. (Org.). *A História contada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 343).

Será que Baldo realmente vence as barreiras das estruturas sociais? O que significa isso? Para estabelecer um parâmetro de heroísmo, é preciso vencer alguma coisa ou alguém? Observe-se que as críticas da historiadora,

neste momento, ultrapassam os limites de consciência. Ela afirma que a trajetória do negro é marcada por dois ódios tanto racial quanto social, esquecendo-se de que o princípio da equidade não passa por esse viés. Se Jorge Amado cria um herói odioso, não pode estar se referindo ao negro, principalmente pelo fato de que o caminho pelo qual o movimento negro e toda tradição de lutas raciais trilharam para galgar ascensão é completamente distinto deste. Além disso, colocar, por exemplo, elementos culturais africanos como a *capoeira* e o *candomblé* num mesmo campo de significação de termos como *malandragem* e *vagabundagem* significa aviltar a história do negro e sua cultura tão rica e diversificada.

O antropólogo Luís Gustavo Rossi (2004) traz contribuições valiosíssimas ao propor reflexões de como os elementos raça, gênero e classe social encontram-se imbricados no projeto político do escritor Jorge Amado, ao analisar *Jubiabá*, *Mar Morto* e *Capitães da Areia*.

A peculiaridade literária de Jorge Amado foi marcada pelo fato de ele oportunizar aos excluídos, aos miseráveis e aos subalternos vozes que até então estavam silenciadas e criar certa intencionalidade no leitor, incitando-o a uma revolução a partir de seus grifos, suas histórias e sua imaginação. Por isso, a literatura proletária tem força expressiva em alguns romances desse escritor, principalmente por ele ter incorporado a linguagem popular, a oralidade e o compromisso tácito e documental com a realidade. Com isso, pode-se, então, conectar o processo criativo de Jorge Amado aos significados deste gênero literário para, finalmente, pontuar-se o lugar onde o negro e o debate racial serão alocados no âmbito de sua prática romanesca. A respeito do romance proletário, Rossi (2004) ressalta que

O romance proletário amadiano dos anos 30 forjou um sentido de massa, povo e popular pregado ao pertencimento à classe proletária, procurando alargar este pertencimento a todos aqueles que, de alguma maneira, encontravam-se numa situação de exclusão e subordinação e possuíam, potencialmente, capacidade de subverter a ordem social. Assim, em larga medida, foi na formulação de sua literatura proletária, concebida nos termos de um texto estilisticamente ajustado para que os dramas das coletividades fossem expressos, que Jorge Amado encontrou no negro e na questão racial temas privilegiados para solucionar, dar forma, “cor política” e “gênero” aos seus romances *Jubiabá*, *Mar Morto* e *Capitães da Areia*. (ROSSI, Luís Gustavo. *As Cores da Revolução: a literatura de Jorge Amado nos*



anos 30, 2004. 165 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, p. 125).

Pode-se inferir que o negro se constitui num elemento importante no painel cultural da Bahia, por isso a literatura amadiana não poderia ficar alheia a isso, nem poderia deixar de tematizá-lo.

A partir da década de 30 do século XX, junto a transformações sociais, políticas e culturais ocorridas no Brasil, multiplicam-se as estratégias, por parte de artistas e intelectuais, para discutirem e problematizarem as questões relativas ao negro no Brasil. O próprio Modernismo, ao almejar pela apreciação dos elementos étnicos primitivos, deu certo apego aos motivos inspirados na cultura africana, embora a figura do índio tenha sido mais acolhedora.

A realização em Recife, em 1934, e na Bahia, em 1937, do I e do II Congresso Afro-brasileiro, promovidos por Gilberto Freyre e Édison Carneiro, respectivamente, é também importante fator para a afirmação da literatura negra no Brasil e para a discussão de suas temáticas.

Embora a ênfase da elite burguesa incidisse sobre o elemento branco e a cultura de origem branco-europeia, observou-se, doravante a esse período, uma preocupação maior sobre as temáticas que envolvessem etnia. Ao que se sabe, Jorge Amado, por exemplo, via a figura do negro como uma possibilidade de suporte para a coesão do tecido social, incorporando-o como projeto de construção sociocultural no panorama brasileiro. O escritor baiano possuía ideias de teor libertário, incorporando os oprimidos em sua literatura e algumas de suas obras estão em consonância com os desejos de uma redescoberta de um Brasil cuja mentalidade fosse conscientizadora, abrindo alas para os mais fracos, permitindo a subida dos subalternos aos palcos sociais, dando voz àqueles que se mantiveram calados por muito tempo devido à acidez burguesa controladora e dominadora. Muitas cenas de seus romances são abalizadas por esses propósitos, ganhando instâncias valorativas e tessitura literária. Outras são marcadas por um discurso ambíguo e suspeito quanto à verdadeira intenção do autor ao retratar classes populares e subalternas. Segundo Rossi (2004):

Os romances *Jubiabá*, *Mar Morto* e *Capitães da Areia* constituem, podemos dizer, os resultados significativos de uma importante inflexão na produção literária de Jorge Amado. Trata-se de um momento em que o

escritor assinalou não apenas seu interesse pela “raça negra”, como também redimensionou o lugar que esta raça ocupou em suas obras, quando vistas à luz de seus empreendimentos anteriores. Ou seja, o negro passou de parte de uma classe proletária para ser a própria expressão desta. (ROSSI, Luís Gustavo. *As Cores da Revolução: a literatura de Jorge Amado nos anos 30*. 2004. 165 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, p. 128).

Nesse momento, a questão racial toma uma dimensão maior e alarga seus limites, possibilitando discussões referentes à classe, isto porque é fundamental problematizar o negro, não de forma unilateral, mas sobretudo de forma conjuntural. Em *Jubiabá*, Jorge Amado tenta construir a figura do negro Antônio Balduino com essa dimensão. Ele redimensiona a vida do personagem, seus papéis temáticos, sua projeção espacial em busca de um referencial emblemático: a liberdade de sua cor e de sua classe.

Assim, transcorre a narrativa em *Jubiabá*, sendo que o narrador de forma inusitada prenuncia a motivação central que alojará todas as ações de Antônio Balduino: não ser escravo. A resistência de Baldo é a chave reveladora do segredo de sua conduta, que será construída por uma inevitável preparação de episódios e situações para que a figura do herói seja elevada e a “profecia” seja cumprida: ser livre. No entanto, é importante lembrar que a leitura de *Jubiabá* conduz a duas dimensões que o autor Jorge Amado estabeleceu: primeiro ele tenta dar visibilidade à importância das dimensões simbólicas dos negros ao movimentar a personagem principal, conduzindo-a à ascensão e à militância políticas. Além disso, ele evidencia uma espécie de narrativa que tenta dar conta do repertório cultural do negro Antônio Balduino, sendo comedido com o legado da cultura afro-brasileira. Neste último propósito, o autor lança mão de estratégias que muitas vezes pormenorizam seus objetivos e suas criações e o colocam numa posição não muito confortável aos olhares da crítica literária.

Finalmente, *Jubiabá* encerra-se como um romance não apenas como uma soma na produção literária de Jorge Amado, mas sobretudo como um elemento visceral de representação do alinhamento do autor aos modelos predominantemente dos estudos raciais e sociais naquele momento de sua publicação. O autor baiano tenta perceber a riqueza da cultura afro-brasileira e vai de corpo e alma beber nessa inigualável fonte, transformando-a em ficção. Ele tentou ainda trazer não somente o negro, mas todo um conjunto de artefatos



políticos, sociais e culturais, merecedores de emergências, para que, historicamente escravizado e colocado à margem da sociedade, o negro pudesse dar seu grito de liberdade e, sobretudo, fosse artista no complexo palco de inclusão e de exclusão social.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. *Jubiabá*. 62. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

ANDRADE, Celeste Pacheco. *Bahia, cidade-síntese da nação brasileira: uma leitura em Jorge Amado*. 1999. 270f. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

CUNHA, Eneida Leal. Jubiabá: leitura em duas vertentes. In: FRAGA, Myriam (Org.). *Bahia a cidade de Jorge Amado*. Salvador: FCJA/ Museu Carlos Costa Pinto, 2000.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record; Natal: UFRN, 1996.

DUARTE, Eduardo de Assis. Jorge Amado: leitura e cidadania. In: FRAGA, Myriam (Org.). *Capitães da Areia*. II Curso Jorge Amado. Salvador: FCJA, 2004.

PALAMARTCHUK, Ana Paula. Jorge Amado: um escritor de putas e vagabundos? In: CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. (Orgs.). *A História contada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade e visões literárias do urbano*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

ROSSI, Luís Gustavo. *As Cores da Revolução: a literatura de Jorge Amado nos anos 30*. 2004. 165 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SALAH, Jacques. A cidade como personagem. . In: FRAGA, Myriam. (Org.). *Bahia a cidade de Jorge Amado*. Salvador: FCJA/ Museu Carlos Costa Pinto, 2000.

Recebido em: 30/04/2020

Aprovado em: 16/05/2020

Perspectiva
Histórica

**E
N
T
R
E
V
I
S
T
A**

**E
N
T
R
E
V
I
S
T
A**

**E
N
T
R
E
V
I
S
T
A**

